## O ESTATUTO MORFOLÓGICO DO FORMATIVO-(P)IOCA: ENTRE A DERIVAÇÃO E A COMPOSIÇÃO

Eduardo Patrick REZENDE DOS REIS

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo traçar um retrato preliminar do comportamento do formativo -(p)ioca, uma sequência morfológica responsável por compactar o sentido do vocábulo "tapioca", na tentativa de mostrar que tal unidade configura um splinter (cf. GONÇALVES, 2011, 2019; GONÇALVES; ANDRADE, 2012; entre outros). Para tanto, foram coletados dados da plataforma Twitter, um dos ambientes virtuais em que a criatividade linguística parece encontrar seu apogeu. Para dar mais suporte à análise, foi feito ainda um tratamento acústico de algumas produções orais com o referido formativo, com o auxílio do programa computacional de análise prosódica PRAAT (BOERSMA; WEENINK, 2023). Os resultados obtidos mostram que o formativo em exame, em se tratando de um splinter, apresenta características híbridas; verificou-se, portanto, que o melhor caminho para acolher um formativo como -(p)ioca é assumir uma abordagem de categorização com base na alocação dessa entidade em um continuum de prototipicidade; mais especificamente, considera-se posicioná-la em um ponto intermediário desse continuum.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia; Formação de palavras; Processos não Concatenativos; Splinter.

#### INTRODUÇÃO

Especialmente nas duas últimas décadas, têm ganhado força, na esfera dos estudos em Morfologia do Português Brasileiro (PB), as investigações que tomam como objeto de estudo formativos oriundos de processos não concatenativos, entidades morfológicas conhecidas como splinters (cf. GONÇALVES, 2011, 2019; GONÇALVES; ANDRADE, 2012; entre outros). Desde então, formas outrora consideradas como "aleatórias" (cf. ADAMS, 1973) ganham protagonismo nesses empreendimentos linguísticos. Na tentativa de colaborar com a literatura especializada, este artigo visa a traçar um retrato preliminar do comportamento do formativo -(p)ioca, que compacta o sentido do vocábulo "tapioca" (cf. próxima seção). No que se refere à amostra, os dados provêm da plataforma Twitter, um dos ambientes virtuais em que a criatividade linguística parece encontrar seu apogeu. Para dar mais suporte à análise, foi feito ainda um tratamento acústico de algumas produções orais¹ com o referido formativo, com o auxílio do programa PRAAT (BOERSMA & WEENINK, 2023). Assim, um dos propósitos deste trabalho é mostrar que tal formativo, em se tratando de um splinter, apresenta características híbridas; consiste, portanto, em uma entidade que se coloca na fronteira entre os processos de derivação e composição.

### MOTIVAÇÕES PARA CRIAÇÃO DE UM SPLINTER: O SURGIMENTO DE -(P)IOCA

Na literatura especializada, o termo *splinter* se apresenta envolvido de certa polêmica no que concerne à forma como é compreendido, bem como (e consequentemente) ao seu estatuto morfológico. Inevitavelmente, o cenário que se constrói é propício a divergências, o que decerto acalora as discussões. Adams (1973), por exemplo, vê os *splinters* como um encadeamento de segmentos fonológicos desprovido de um estatuto efetivamente morfológico; trata-se apenas de um fragmento não morfêmico de uma palavra. Conforme salientam Gonçalves e Affonso Jr (2022), credita-se a Bauer (2005, p.105) a postulação do conceito para essa entidade, atualmente adotado de modo amplo, "um fragmento de palavra usado repetidamente na formação de novas palavras". De acordo com Gonçalves (2013), há um detalhe na definição de Bauer que, na contramão da visão de Adams (1973), permite validar tais arranjos, até então tomados enquanto

\_

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Conforme será mencionado na Metodologia, os dados orais utilizados que serviram de base para esta investigação provêm de um grupo de 6 participantes.



porções aleatórias de palavras, como verdadeiros elementos morfológicos: a ideia da produtividade dos *splinters*; esses formativos são encadeamentos recorrentes², o que legitima igualmente a interpretação de que participam da formação de novos vocábulos (cf. BAUER, 2004; GONÇALVES, 2013) e de que constituem uma classe entre radicais e afixos (cf. GONÇALVES, 2011; 2016)³. Nas palavras de Gonçalves e Affonso Jr (2022, p.242), "[...] quando pedaços de palavras se tornam recorrentes na criação de novas palavras, não há nada que possa retirar deles o estatuto de morfema."; configuram, portanto, casos fronteiriços.

No que se refere à sua criação, Gonçalves (2013) destaca que um splinter procede da operacionalização de processos não concatenativos. Para o autor, embora os mecanismos de blending e de clipping possam servir de gatilho para a criação da referida unidade morfológica, a emergência desse expediente decorre diretamente do mecanismo da substituição sublexical (SSL), um processo à luz do qual "uma sequência não-morfêmica de uma dada palavra é reinterpretada como unidade significativa e substituída por outra" (cf. ALMEIDA; GONÇALVES, 2007, p.79). Dito de outra forma, o mecanismo da SSL estrutura um cenário em que se opera a reanálise de uma sequência não morfêmica, com a sua consequente substituição por uma determinada base lexical, uma forma acessível no inventário lexical da língua; a sequência fônica remanescente da palavra-fonte, que passa a evocar o significado do todo, começa a figurar como unidade recorrente, com a possibilidade de promoção à condição de um verdadeiro expediente morfológico, o splinter. Em linhas gerais, o dispositivo da SSL é o responsável, portanto, pela criação de um conjunto de unidades morfológicas no PB (cf. GONÇALVES; ANDRADE; ALMEIDA, 2010; GONÇALVES, 2013; entre outros). Ancorado na referida consideração, concebe-se, neste trabalho, que o mecanismo não concatenativo aludido se encontra substancialmente vinculado à gênese da unidade morfológica-(p)ioca. Na sequência, destinam-se algumas palavras acerca da sua palavra-fonte, o vocábulo "tapioca", de origem tupi.

#### DE TAPIOCA À -(P)IOCA: UM BREVE REGISTRO

No dicionário do tupi antigo de Navarro (2013), o vocábulo *tapi'oca*<sup>4</sup> apresenta duas acepções: (a) fécula alimentícia oriunda da mandioca; (b) bolo ou pão indígena feito dessa fécula. No português contemporâneo, o conceito atrelado tanto à matéria-prima quanto ao produto derivado dessa matéria-prima se manteve, segundo as definições extraídas do Dicionário Michaelis e do Dicionário Priberam, ambos online<sup>5</sup>:

#### Michaelis

- 1. Fécula obtida das raízes da mandioca, usada no preparo de pratos doces e salgados.
- 2. Beiju feito dessa fécula, geralmente recheado com coco ralado.

38 Sering 39

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Sob um olhar estruturalista, uma unidade morfológica, conforme apontam Fábregas e Scalise (2012), deve apresentar as seguintes características: (a) isolabilidade; (b) contrastividade; (c) recorrência; (d) manutenção de sentido.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> De acordo com Gonçalves (2016), as entidades mencionadas apresentam características de afixos, uma vez que se colocam na borda de uma palavra; no entanto, em função dos significados que atualizam, também se comportam como radicais ou palavras.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> No tupi antigo, eram encontradas ainda as formas "typyóia", "typyoka" e "typyókae".

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> O primeiro se encontra disponível em: <a href="https://dicionario.priberam.org/tapioca">https://dicionario.priberam.org/tapioca</a>; o segundo, disponível em: <a href="https://dicionario.priberam.org/tapioca">https://dicionario.priberam.org/tapioca</a>; o segundo, disponível em: <a href="https://dicionario.priberam.org/tapioca">https://dicionario.priberam.org/tapioca</a>; o segundo, disponível em:



#### Priberam

- 1. Fécula alimentícia que se extrai da raiz da mandioca.
- 2. Espécie de crepe seco, com recheio doce ou salgado, feito a partir dessa fécula hidratada.

Ao entrar em contato com as definições dicionarizadas no PB, é curioso observar que o significado primeiro, disposto em ambos os dicionários, seja o de tapioca enquanto matéria-prima. No nosso entendimento, o conceito evocado por tal vocábulo circunscrevia categoricamente a definição em 26; em caso de fazer referência à farinha/goma (a 1ª acepção), haveria outra estratégia, a utilização de um sintagma complexo, que se construiria por meio do substantivo farinha (goma ou fécula) acompanhado do modificador "de tapioca" (ou de mandioca). Em uma rápida busca pelo vocábulo "tapioca" no site "Google", as imagens com que se entra em contato se conectam, de forma esmagadora, ao produto. Mesmo em suas embalagens, a goma / fécula / farinha dificilmente é apresentada apenas como "tapioca". Não parece inviável, então, conjecturar que o significado compactado em -(p)ioca venha da compreensão de "tapioca" enquanto produto, o que se confirma em uma grande parcelados dados, conforme será mostrado na seção **Análise dos dados**.

Pautado no que foi dito na subseção anterior, entende-se que a operacionalização do mecanismo SSL parece configurar a força motriz que culmina na emergência do formativo em tela. Assim, o arranjo de segmentos fonológicos [ta], que constitui "tapioca", é reanalisado e substituído por uma base nominal, como é visto em "grãopioca"; o encadeamento linear remanescente de *-(p)ioca* configura uma metonímia formal, que se inclina a circunscrever majoritariamente o significado da palavra-fonte em sua acepção 2. O formativo tende a atualizar, desse modo, o significado de "tapioca" enquanto produto, que, no caso de "grãopioca", apresenta, em sua composição, tanto a goma de mandioca quanto o grão de bico <sup>7</sup> (mais especificamente, grão de bico em formato de pasta). Passemos, na sequência, para a seção em que é descrita a Metodologia do trabalho.

#### **METODOLOGIA**

Os dados de formações do PB com a sequência -(p)ioca foram extraídos do Twitter<sup>8</sup>, por meio da sua ferramenta de busca lexical, que rastreou ocorrências produzidas por seus usuários entre os anos de 2015 e 2023. De modo geral, as redes sociais constituem ambientes virtuais que viabilizam, até certo nível, a reprodução de um contexto interacional similar ao de uma conversa entre pessoas. Trata-se, portanto, de um ambiente dinâmico em que se constroem possibilidades

<sup>6</sup> Para a confecção deste artigo, foi feito um experimento informal com 6 participantes, que foram inquiridos sobre qual imagem é ativada quando pensam na palavra *tapioca*, a matéria-prima ou o produto. Todos os participantes responderam que a ideia de tapioca se associa à do produto, a acepção 2; muitos, inclusive, sequer vinculam o referido vocábulo ao conceito 1, a de matéria-prima.

<sup>7</sup> O caso de grãopioca, que evoca o conteúdo de "tapioca de grão-de-bico", é particularmente interessante, uma vez que o formativo *-pioca* se vincula a uma base que parece igualmente configurar-se como oriunda de um processo não concatenativo: o encadeamento de segmentos "grão" compacta especificamente o significado de "grão de bico". Tal encadeamento, que se posiciona na borda à esquerda, responde por uma (ainda pequena) série de novas formações, inscritas no âmbito das comidas veganas, atuando como modificador do arranjo fônico a que se adjunge, como em "grãomelete", "grãoburger", "grãofu" e o já mencionado "grãopioca".

<sup>8</sup> Foram consultadas, igualmente, as amostras "Web/Dialects" e "NOW", que compõem o *corpus* do português, disponível em <a href="https://www.corpusdoportugues.org/">https://www.corpusdoportugues.org/</a>; consultou-se também a plataforma Facebook. No entanto, a busca, nesses domínios, se mostrou substancialmente improdutiva. Apenas a plataforma *Twitter* se mostrou ricamente favorável à produção de formações com a unidade morfológica alvo deste trabalho.



de "contato" interpessoal, por meio de respostas rápidas, limitadas, no caso do *Twitter*, a um total de 280 caracteres (a versão gratuita). Esse ambiente, pois, converte-se em um palco virtual propício à ocorrência de novas formações, principalmente no que se refere a processos não concatenativos, nos quais a criatividade linguística parece encontrar o seu apogeu.

Como objetivo, este trabalho visou a mapear as características do formativo -(p)ioca, que se mostram híbridas. A partir disso, buscou-se esboçar um retrato preliminar do seu comportamento linguístico. Quanto ao tratamento dos dados, foram tabuladas, em uma planilha do Excel, as formações com -(p)ioca obtidas; computaram-se ainda as frequências de cada uma das palavras complexas, cuja contagem se sucedeu manualmente e se encerrou após a ocorrência de número 100, que, apesar de arbitrário, aventa a sua produtividade. Naturalmente, a verificação da frequência permite a identificação das bases com que o formativo se anexa de modo mais recorrente. No que concerne especificamente ao tratamento acústico, para o qual foram capturadas produções de 6 sujeitos, que se voluntariaram a participar, foi utilizado o programa de análise prosódica PRAAT (BOERSMA; WEENINK, 2023).

### ANÁLISE DOS DADOS

Para este trabalho, foram encontradas 16 ocorrências (type) do formativo -(p)ioca, que se posiciona categoricamente na borda direita de bases nominais, cujo output evoca um produto de ordem alimentícia. A depender da sua configuração estrutural, esse formativo se adjunge a bases nominais de naturezas distintas. Nesse sentido, temos que o arranjo morfológico -piocas e vincula a bases livres, salve as ocorrências "grãopioca" (cf. nota 7) e "chocopioca" (cf. GONÇALVES, 2016), cujas bases parecem derivar da atuação de processos não concatenativos; no caso de -ioca, limitada a 3 formações, a incorporação, em todos os casos obtidos, processa-se em radicais. No Quadro 1, dispõem-se as formações complexas obtidas, acompanhadas de suas respectivas frequências.

ТҮРЕ	TOKEN	ТҮРЕ	TOKEN
grãopioca	16	crepioca	100
ovopioca	22	crepeioca	34
chocopioca	1	crepepioca	5
wheypioca	10	panquecapioca	1
cafepioca	6	panquioca	12
coquioca <sup>10</sup>	1	panquequioca	18
sojapioca	1	cupioca	17
queijopioca	1	tortapioca	10
queijioca	10	brownioca	9
pizzapioca	5	pãopioca	13
paupioca	1		

Quadro 1: Distribuição das formações com -(p)ioca

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Curiosamente, um comportamento similar é observado em um outro polêmico expediente morfológico, o sufixo não aderente -inho/-zinho (cf. ULRICH; SCHWINDT, 2018).

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Tapioca com recheio de coco.



Analisando o Quadro 1, verifica-se que a formação mais frequente é aquela em que o formativo se adjunge à base "crepe" (que corresponde a uma tapioca feita de goma e ovo batido), com a possibilidade de conservar ou não a integridade da cadeia segmental dessa base. A propósito, os vocábulos "crepepioca" e "crepeioca", produzidos respectivamente em 2015 e 2016, figuram como as ocorrências mais antigas da amostra aqui examinada, com destaque para a primeira (cf. Figuras 1 e 2). Não causaria estranheza, portanto, cogitar que a base "crepe" possa ter sido a primeira com que o expediente -(p)ioca tenha se reestruturado, ainda mais se pensarmos que a "crepioca" e seus derivados vinham, à época, como uma alternativa mais saudável e mais prática à famosa (e calórica) panqueca<sup>11</sup>. Somada à questão da data, a frequência com que as duas formas ocorrem (comparadas à da "crepioca") pode sugerir que ambas se configuram como as "primeiras tentativas (ortográficas)" dos indivíduos em rotular essa nova entidade linguística, que parece ter se consolidado como "crepioca". Assim, tal formação (e suas formas derivadas ortográficas) seria oriunda de um processo de cruzamento vocabular; o mecanismo da SSL entra como um dispositivo a partir do qual outras bases, listadas no Quadro 1, puderam, na sequência, aparecer em primeira posição.



Figuras 1 e 2: dados de formações com -(p)ioca extraídos do Twitter

Quanto ao aspecto semântico, avaliou-se que a referida entidade morfológica atualiza, em linhas gerais, significados relativamente próximos. Podem ser catalogadas, portanto, 2 interpretações mais "amplas", que encapsulam o sentido de tapioca enquanto produto: (i) "tapioca feita com X, tal que X é a base nominal" e (ii) "tapioca similar a X, tal que X é a base nominal". A partir disso, verifica-se um padrão Determinante-Determinado (DT-DM), encontrado comumente em formações com sufixos. Há, entretanto, um reduzido grupo de formações que parece manifestar um significado com contornos mais específicos, que recupera o sentido de tapioca enquanto matéria-prima: (iii) "X (tal que X é a base nominal) feita com goma de mandioca". Inscritas em tal grupo, as formações não assumem necessariamente a configuração típica de uma "tapioca", como é o caso das formações que constituem o grupo 1 e 2. Nesses poucos casos, o que se registra, inclusive, é um padrão diferente do anterior, o Determinado-Determinante (DM-DT), característica presente em formações com prefixos

11 Embora já fosse um alimento típico da culinária do Norte e do Nordeste, a tapioca parece ter se popularizado (e

recheio.

fácil preparo, que tipicamente se resume a colocar a goma de mandioca em uma frigideira e nela acrescentar algum

se reinventado) nas regiões Sul e Sudeste apenas nos últimos 20 anos, sobretudo dada a sua versatilidade enquanto produto. Acrescenta-se que, por não conter glúten, essa iguaria atrai um público-alvo com restrições alimentares, em função de algum problema de saúde, bem como um público-alvo que busca(va) por uma alimentação mais saudável. Somado a isso, com a popularização do *Youtube*, que surge no final dos anos 2010, crescem igualmente canais virtuais voltados para a culinária, que, em uma dinâmica distinta dos programas de TV de mesmo norte, têm prezado cada vez mais pela praticidade no preparo das receitas. Assim, a tapioca (produto) passa a se tornar igualmente uma perfeita alternativa não de apenas um alimento pouco calórico e saudável, mas também de rápido e



prototípicos. No Quadro 2, encontram-se dispostas as palavras complexas, subdivididas em 3 grupos referentes às acepções mencionadas.

	ТҮРЕ	
Acepção i	grãopioca	
	ovopioca	
	chocopioca	
	wheypioca	
	cafepioca	
	coquioca	
	sojapioca	
	queijopioca	
	queijioca	
Acepção ii	pizzapioca	
	paupioca	
	crepioca	
	crepeioca	
	panquecapioca	
	panquequioca	
	cupioca	
Acepção iii	tortapioca	
	browni(e)oca <sup>12</sup>	
	pãopioca	

Quadro 2: Distribuição das formações com -(p)ioca, segundo a acepção projetada

Um ponto digno de nota é que, em todas as ocorrências (com exceção de "tortapioca"<sup>13</sup>, que consiste em uma torta gelada feita com a fécula da mandioca), se encontra pressuposta a informação de que a feitura dos "produtos" se realiza especificamente em uma frigideira, o que sugere não apenas a transferência de aspectos físicos da palavra-fonte à maioria das formas derivadas, como também a transmissão de um conteúdo mais abstrato, referente ao preparo desse alimento. Visualizada a Figura 2, temos o caso de "pãopioca", produto associado pelo conceptualizador a um pão de queijo - em cuja composição, naturalmente, é utilizada a farinha de

1

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> Na verdade, a formação "browni(e)oca" pode evocar duas entidades, um bolo de brownie feito com goma de tapioca, cuja forma é a de um bolo tradicional, e uma massa de brownie feita nos moldes de uma tapioca. No caso da segunda, apesar de haver uma semelhança à tapioca, que sugeriria a sua inclusão na acepção 2, o fato de que o produto em si resguarde uma característica do brownie, que é a de manter o seu núcleo "amolecido", condicionou a considerar essa formação como uma receita de brownie, em cuja composição se encontra a fécula.

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> De acordo com as descrições dos produtos, encontradas nas postagens do *Twitter*, tanto a "browni(e)oca" quanto a "pãopioca" permitem que seu preparo se dê em uma frigideira, mesmo que não assumam o aspecto físico de uma tapioca; a "tortapioca", por sua vez, consiste tão somente em uma torta (similar a um bolo) preparada com a farinha de mandioca.



tapioca – assado fundamentalmente no referido utensílio de cozinha. Veja que, na mensagem que se segue, o autor da postagem enfatiza que se trata de um "pão de queijo de [feito na] frigideira".

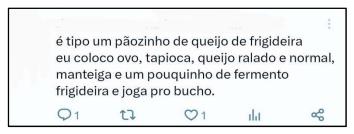


Figura 3: trecho extraído do Twitter

Diante do que foi exposto, observa-se que a principal função das formações com o expediente morfológico em foco é a de rotulação <sup>14</sup> (cf. GONÇALVES, 2016). Seguindo Alves e Gonçalves (2014), entende-se ainda que não há como avaliar tal elemento como unidade efêmera, sobretudo se se atentar ao detalhe de que as primeiras formações datam de quase 10 anos. O referido formativo, desse modo, fornece sinais de que, embora, sob uma ótica, possa ser considerado parcialmente prolífico, nos termos de Viaro (2006), ele apresenta um grande potencial de produtividade.

# OS TRAÇOS LINGUÍSTICOS MORFOSSINTÁTICOS E PROSÓDICOS DO FORMATIVO -(P)IOCA

Neste trabalho, buscou-se ainda verificar o comportamento morfossintático e prosódico do formativo -(p)ioca, com base na utilização de um conjunto de critérios empíricos (cf. GONÇALVES; ANDRADE, 2016), que serviram de guia para a descrição preliminar desse expediente morfológico. Quanto aos aspectos estruturais e prosódicos, observou-se que -(p)ioca apresenta propriedades que aproximam tal entidade tanto de um composto quanto de um afixo, o que revela seu caráter híbrido, um verdadeiro caso fronteiriço entre derivação e composição. Nesta subseção, a análise se centra na observação dos seguintes critérios: (a) posição da cabeça lexical; (b) possibilidade de coordenação; (c) perifericidade da flexão; (d) manutenção do acento da base.

Ancorando-se nas acepções mais amplas, a (i) e a (ii), exibidas na subseção anterior, aponta-se que as formações com -(p)ioca têm cabeça lexical à direita, uma vez que, apesar de não modificar a categoria sintática da base, o referido formativo é responsável pela especificação de gênero feminino (cabeça morfológica) e pelo núcleo semântico da palavra complexa (cabeça semântica), cujo sentido "[...] geralmente é colocado em primeiro lugar, equivalendo ao de um substantivo" (GONÇALVES, 2019, p.53).

(1)	o chocolate	- > a chocopioca	- > tapioca feita de chocolate
	o whey	- > a wheypioca	- > tapioca feita com whey protein
	o crepe	- > a crepioca	- > tapioca similar a um crepe
	o pau	- > a paupioca	- > tapioca similar a um pau

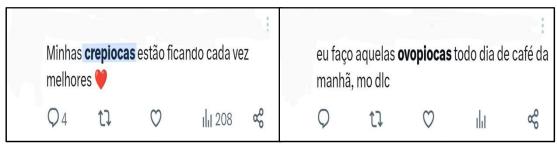
<sup>14</sup> Em formações como "paupioca", no entanto, talvez se possa considerar que esteja também presente a função atitudinal. Nesse caso, encontra-se subjacente à formação um juízo de valor do informante: que a tapioca ficou péssima por ter ficado "dura", devido presumivelmente a uma preparação imprópria.



Quanto à propriedade em (b), verifica-se a impossibilidade de coordenação entre bases que constituem as palavras complexas, como se atesta nos exemplos a seguir:

- (2) a. Pedro quer comer uma pizzapioca e uma crepioca.
  - \*b. Pedro quer comer uma pizza e uma crepioca.

Diferentemente de (2a), entende-se que (2b) seja uma formação agramatical, no contexto em que "pizzapioca" e "pizza" evocam a mesma entidade no mundo, uma tapioca similar a uma pizza. Quanto à averiguação do critério de perifericidade da flexão, a adjunção das marcas de concordância nominal ocorre na margem à direita da palavra complexa<sup>15</sup>; são, portanto, periféricas, como nas Figuras 4 e 5.



Figuras 4 e 5: dados de formações com -(p)ioca extraídos do Twitter

Ao examinar as propriedades prosódicas, recupera-se o que foi dito na subseção anterior: a informação de que, a depender da estruturação do formativo, as bases a que essas unidades se anexam serão distintas. Em outras palavras, as formações com *-pioca* não apresentam isomorfismo entre vocábulo fonológico e morfológico, uma vez que, a despeito de constituírem apenas um vocábulo morfológico, tais palavras complexas são compostas por duas palavras prosódicas (PWs), cada uma das quais a portar seu próprio acento. Quando entra em cena a "forma" *-ioca*, que se vincula a um radical, a relação de biunivocidade se verifica.

- (3) a. [[panqueca]<sub>PW</sub>[pioca]<sub>PW</sub>]
  - b. [panquequioca]<sub>pw</sub><sup>16</sup>
  - c. [panquioca]<sub>PW</sub>

-

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> No nosso entendimento, todavia, determinadas formações definitivamente não causariam estranhamento, caso apresentassem uma marca flexional interna, como em "pizzaspiocas" ou "panquecaspiocas"; outras, em contrapartida, parecem-nos agramaticais, como "queijospiocas" ou, até mesmo, "ovospiocas". Frente a essa situação, foi realizado um teste informal de agramaticalidade com os mesmos 6 participantes (cf. Metodologia), a quem eram apresentadas as formações "pizzapiocas/pizzaspiocas" e "ovopiocas/ovospiocas". Em resumo, no que se refere à flexão interna, parece que a palavra complexa "pizzaspiocas" é julgada como aceitável por 5 dos6 participantes, diferentemente de "ovospiocas", julgada por todos como agramatical.

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> A partir da percepção do autor deste trabalho sobre a pronúncia de "panquequioca", é viabilizado apontar mais uma possível característica que foge ao comportamento prototípico dos afixos: a possível manutenção da integridade fonológica da base, em que não ocorre a neutralização vocálica -pan[kε]quioca e não pan[ke]quioca. Foi requisitado a um conjunto de 5 pessoas a reprodução oral do referido vocábulo. Com isso, verificou-se que o comportamento é variável: há aqueles que produzem a sílaba indicada com a anterior média-baixa; há aqueles, contudo, que a articulam com a anterior média-alta.



Entendendo que haja uma fronteira prosódica interna especificamente nas formações com *-pioca*, considerou-se produtiva a realização de uma análise acústica preliminar (em que foram contempladas duas ocorrências), com a finalidade de aferir características prosódicas, em especial, da primeira palavra prosódica do vocábulo morfologicamente complexo, na tentativa de identificar evidências, desta vez, empíricas de uma possível fronteira de melodia. Para o referido tratamento acústico, foi utilizado o programa de análise PRAAT. Na sequência, visualizam-se as Figuras 6 e 7, que apresentam as propriedades acústicas dos vocábulos complexos "crepepioca" e "ovopioca".

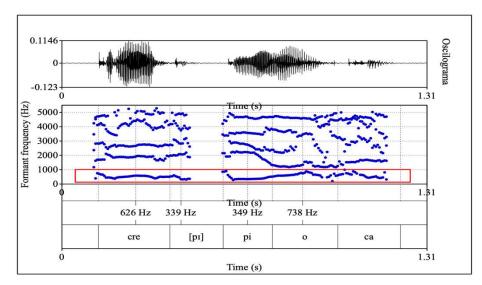


Figura 6: Oscilograma e formantes da palavra complexa "crepepioca"

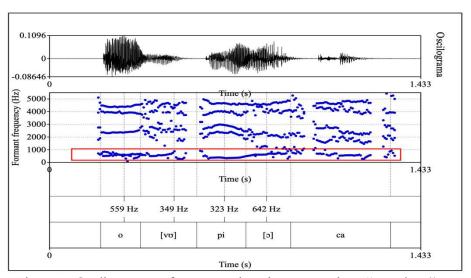


Figura 7: Oscilograma e formantes da palavra complexa "ovopioca"

Segundo a Teoria Acústica de Produção da Fala (cf. FANT, 1960 apud CRISTÓFARO et alii, 2019), é possível encontrar um paralelo entre a posição dos articuladores no trato vocal e a frequência gerada na produção das vogais, conhecida como formantes. Para a análise proposta, que pretendeu verificar se a sílaba final da base fornece indícios empíricos da presença de uma fronteira prosódica, uma alternativa é olhar para o primeiro formante, que corresponde à posição da língua no eixo vertical no momento em que é articulada a vogal: a frequência do primeiro



formante é inversamente proporcional à abertura vocálica. Ao averiguaras Figuras 6 e 7, os baixos valores do referido formante, vinculados às sílabas "pe" e "vo" (339 Hz e 349 Hz, respectivamente), evidenciam que elas são concretizadas como [pi] e [vu]. Veja que, de uma sílaba para a outra, ocorre a queda brusca das frequências desse formante, o que indica, nesses casos, a alteração do grau de abertura das vogais [e] e [o]. No entanto, tal cenário isolado pode não garantir (necessariamente) que se esteja diante de uma fronteira prosódica, uma vez que pode se tratar de um alteamento motivado pela sílaba subsequente [pi], esta articulada com o grau máximo de abertura. Ao visualizar especificamente o oscilograma, é atestado que ambas as sílabas, já referenciadas, apresentam inexpressiva amplitude, o que demonstra que elas são articuladas com pouca energia, com pouca intensidade. Analisando em conjunto, os comportamentos observados desses dois parâmetros acústicos fornecem interessantes evidências empíricas para a existência da dita fronteira prosódica.

Em resumo, o que se observa é que o formativo -(p)ioca revela efetivamente características tanto de um sufixo quanto de um composto. De forma semelhante a um sufixo, tal entidade (a) configura cabeça lexical e (b) não aceita coordenação; embora nos dados averiguados, tal elemento morfológico (c) apresente marcas flexionais à direita, não causam estranhamento, em alguns casos, marcas internas (cf. nota 15), o que foge de um comportamento referente às formações com sufixos. Somado a esses casos específicos relacionados à perifericidade da flexão, que possibilitariam marcas flexionais internas, as formações com -pioca ainda demonstram um outro traço similar aos compostos: (d) tais vocábulos complexos são constituídos de duas PWs; o referido formativo, quando presente o segmento [p], porta, portanto, acento próprio.

# ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE CONDIÇÕES DE PRODUTIVIDADE E DE PRODUÇÃO

Tal como afirma Basílio (2006), as condições de produtividade se associam ao conjunto de requisitos que são fundamentais para a operacionalização de um determinado mecanismo de formação de palavras. No entanto, conforme lembra Rocha (2008 [1998]), há a possibilidade de um arranjo específico, mesmo que satisfaça as referidas condições, não poder participar do processo de formação em questão. Esse bloqueio se sucede em face da não satisfação das chamadas condições de produção, que se vinculam a "fatores de ordem pragmática, discursiva e paradigmática" (BASILIO, 1990 apud ROCHA, 2008 [1998], p. 83).

Quanto às condições de produtividade, recapitula-se que o formativo aqui analisado se adjunge à direita de bases nominais. Entretanto, sua incorporação não se realiza em qualquer base, uma vez que há evidentes restrições de aplicabilidade. A tendência é a de se anexar a bases que se inserem no grupo de certos alimentos; a exceção se circunscreve aos dados "paupioca" e "cupioca", que manifestam uma característica específica da tapioca nessas formações (a de estar dura como madeira e a de ter a aparência da referida parte do corpo). A partir da vinculação entre base e formativo, deriva-se um *output* de mesma categoria morfológica, um substantivo.

Quanto às condições de produção, deve-se lembrar que o referido expediente morfológico, cada vez mais, tem se anexado a novas bases, conforme se verifica na Tabela 1. Assim, consiste em uma tarefa complicada, por ora, prever com que base nominal (que, logicamente, satisfaça as condições de produtividade) a anexação da unidade morfológica não será possível, sobretudo dada a criatividade linguística de que os falantes se valem quando inseridos em um contexto que os motive. Não se pode deixar, contudo, de comentar sobre uma "condição" específica, que se constatou durante a coleta dos dados, por se atrelar justamente à questão de um possível contexto motivador, e que, nos termos de Rocha (2008 [1998]), é denominada de restrição discursiva: a busca empreendida neste trabalho fornece indícios de que os vocábulos complexos constituídos de "base nominal + -(p)ioca" se predispõem a ocorrer com maior "vitalidade" em um



domínio bastante específico. Os dados obtidos, conforme já mencionado, foram extraídos do *Twitter*, um ambiente virtual que condiciona fortemente a criatividade linguística do falante. Mesmo em sites e programas televisivos especializados em receitas culinárias, bem como em outras amostras (cf. nota 8), a qualidade das ocorrências identificadas se afasta substancialmente da encontrada na plataforma supracitada.

### CONSIDERAÇÕES (NADA) FINAIS

Este trabalho visou a traçar um retrato preliminar do comportamento do formativo -(p)inca. Pautado na análise dos dados, esse formativo, que se adjunge a um grupo específico de bases nominais, revela efetivamente características tanto de um derivado sufixal quanto de um composto, o que naturalmente dificulta a sua classificação nos moldes tradicionais. No que tange a aspectos semânticos, podem ser catalogadas 2 interpretações mais "amplas", que compactam o conteúdo de tapioca enquanto produto: (i) "tapioca feita com X, tal que X é a base nominal" e (ii) "tapioca similar a X, tal que X é a base nominal". Nesse cenário, verifica-se um padrão Determinante-Determinado (DT-DM), encontrado comumente em formações com sufixos. Há, entretanto, um reduzido grupo de formações que evocam um significado com contornos mais específicos, que recupera, por sua vez, o conteúdo de tapioca enquanto matéria-prima: (iii) "X (tal que X é a base nominal) feita com goma de mandioca", que forma um padrão diferente do anterior, o Determinado-Determinante (DM-DT), característico de formações com prefixos prototípicos, bem como em formações com compostos. No que tange a aspectos morfossintáticos e prosódicos, tal entidade (a) configura cabeca lexical, (b) não aceita coordenação, (c) apresenta marcas flexionais preferencialmente à direita (cf. nota 15), e (d) portam acento próprio (no caso das formações com -pioca). Não se deve deixar de comentar que, uma vez que os dados coletados foram produzidos entre 2015 e 2023, não há como avaliar tal expediente como unidade efêmera, sobretudo tendo em vista que as primeiras formações datam de quase 10 anos.

No entanto, ressalta-se que a análise aqui empreendida ainda se apresenta como preliminar, um esboço que abre um leque de possibilidades para novas análises e que futuramente pode ganhar novos contornos. Um desses possíveis caminhos se inscreve em uma investigação de caráter experimental, para que se possa testar, com todo rigor científico que se espera de um empreendido desse porte, o juízo de gramaticalidade dos falantes do PB, que aqui se verificou a partir de requerimentos informais, de forma bem incipiente. Para concluir, verifica-se que o melhor caminho para acolher um formativo como -(p)ioca, que apresenta um comportamento morfológico híbrido, já mencionado em diferentes momentos do texto, é assumir uma abordagem de categorização com base na alocação dessa entidade em um continuum de prototipicidade; mais especificamente, considera-se posicioná-la em um ponto intermediário desse continuum.



#### REFERÊNCIAS

ADAMS, V. An introduction to modern English word formation. London: Longman, 1973.

ALMEIDA, M. L. L.; GONÇALVES, C. A. V. Bases semântico-cognitivas para a diferenciação de cruzamentos vocabulares. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 11, p. 75-85, 2007.

ALVES, R. S.; <u>GONÇALVES, C. A. V.</u> O processo de formação de palavras com os splinters - nese, -nejo e -tone. *ENTRETEXTOS* (UEL), v. 14, p. 27-42, 2014.

BASILIO, M. M. P. A Estruturação do Léxico na Descrição do Português Brasileiro. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; MATTOS E SILVA, R. V;. (Org.). *Quinhentos anos de história Linguística do Brasil.* 1ed.: , 2006, v. , p. 1-488.

BAUER, L. A Glossary of Morphology. Washington, DC. Georgetown Univ. Press 2004.

BAUER, L. The Borderline between Derivation and Compounding. In: DRESSLER, W. et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, pp. 97-108.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat*: doing phonetics by computer [computer program]. Versão 6.3.09. Amsterdam: Universiteit van Amsterdam; 2022. Disponível em: www.praat.org. Acesso em: 2 de Junho de 2023.

CRISTÓFARO SILVA, T.;SEARA, I; SILVA, A.; RAUBER, A. S.; CANTONI, M. Fonética Acústica: os sons do português brasileiro. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2019. v. 1. 272p.

FÁBREGAS, A.; SCALISE, S. *Morphology:*From Data toTheories. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2012.

GONÇALVES, C. A. V.Paitrocínio, tecno-macumba, maridoteca: o comportamento das formas combinatórias no português do Brasil. REVISTA DA ABRALIN, v. 10, p. 67-90, 2011.

GONÇALVES, C. A. V.. 'Na sextaneja com a caipifruta da mãedrasta': o estatuto morfológico dos splinters no português brasileiro contemporâneo. *DLADORIM* (RIO DE JANEIRO), p. 139-158, 2013.

GONÇALVES, C. A. V. Atuais tendências em formação de palavras. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016. v. 1. 112p.

GONÇALVES, C. A. V. Morfologia. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019. v. 1. 165p.

GONÇALVES, C. A. V.; AFFONSO JR., M. R. Das caipivodcas às caipitours: um estudo sobre o splintercaipi- à luz da Morfologia Construcional. In: SOLEDADE, J.; SIMÕES NETO, N. (Org.). *Morfologia Construcional*: avanços em língua portuguesa. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2022, v. 1, p. 237-258.

GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. E.; ALMEIDA, M. L. L. 'Se a macumba é para o bem, então é boacumba': análise morfoprosódica e semântico-cognitiva da substituição sublexical em português. *Linguística* (Rio de Janeiro), v. 6, p. 64-82, 2010.

GONÇALVES, C. A.; ANDRADE, K. E. A instabilidade categorial dos constituintes morfológicos: evidência a favor do continuum composição-derivação. *DELTA* - Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (Online), v. 32, p. 261-294, 2016.

NAVARRO, E. A. *Dicionário de Tupi Antigo* - A Língua Indígena Clássica do Brasil. 4. ed. São Paulo: Global Editora, 2013. 620p.



ULRICH, C. W.; SCHWINDT, L. C. O status morfoprosódico dos sufixos -inho/-zinho, -mente e -íssimo no Português Brasileiro. *DELTA* - Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 34, p. 769-788, 2018.

ROCHA, L. C. A. Estruturas morfológicas do Português. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008 [1998]. 236p.

VIARO, M. E. Problemas de morfologia e semântica histórica do sufixo -eiro. *Estudos Lingüísticos* (São Paulo), v. 35, p. 1443-1452, 2006.

# THE MORPHOLOGICAL STATUS OF THE FORMATIVE -(P)IOCA: BETWEEN DERIVATION AND COMPOUNDIG

**ABSTRACT:** This paper aims to outline a preliminary portrait of the behavior of the formative -(p)ioca, a morphological sequence responsible for compressing the meaning of the word "tapioca," attempting to demonstrate that such unit constitutes a splinter (cf. GONÇALVES, 2011, 2019; GONÇALVES; ANDRADE, 2012; among others). Therefore, data were collected from the Twitter platform, one of the virtual environments where linguistic creativity seems to reach its zenith. To provide further support for the analysis, an acoustic treatment of some oral productions with the mentioned formative was conducted using the computational prosodic analysis program PRAAT (BOERSMA; WEENINK, 2023). The obtained results show that this formative, as a splinter, exhibits hybrid characteristics; thus, it was found that the best approach to accommodate a formative like -(p)ioca is to adopt a categorization approach based on allocating this entity along a prototypicality continuum; more specifically, positioning it at an intermediate point on this continuum.

**KEYWORDS:** Morphology; Word Formation; Nonconcatenative processes; Splinter.

\*Data de envio: 20/12/2023 \*Data de aprovação: 05 jan 2024.